

Museologia e turismo: um modelo de inclusão a partir da mediação acessibilizada

MUSEOLOGÍA Y TURISMO: un modelo de inclusión a partir de la mediación accesibilizada

Leandro Freitas Pereira

RESUMEN

Este trabajo presenta una exposición de la experiencia turística de personas con discapacidad visual en la perspectiva de mediaciones *accesibilizadas* en el Encuentro *Olho de Sogra*, dirigido al patrimonio histórico y cultural de la ciudad de Pelotas-RS. Pelotas reúne importante conjunto arquitectónico y presenta la tradición dulcera como atractivo, ambos catalogados como patrimonio nacional por el Instituto de Patrimonio Histórico y Artístico Nacional-IPHAN. El *Olho de Sogra* ofreció amplia programación para este público durante dos días con promoción de diferentes experiencias e interacciones con puntos turísticos de la ciudad y con su historia. Se estudió el impacto de tales mediaciones, de la aprehensión del patrimonio y la importancia del turismo para este grupo social, tratado como público improbable.

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 80, quando a acessibilidade passou a contar com o recurso da tradução intersemiótica – de imagem à palavra – abriram-se múltiplas possibilidades de acesso a atividades e

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



eventos culturais que antes eram restritos apenas a pessoas sem deficiências limitadoras (Gambier, 2004⁴¹³; Braun, 2008⁴¹⁴; Aderaldo, 2014⁴¹⁵).

A proposta de que a tradução intersemiótica é, não só uma transmutação de um sistema de signos não verbal para o verbal, mas também o oposto (Gambier, 2004; Díaz-Cintas, 2007; Maszerowska, Matamala & Orero, 2014⁴¹⁶) é uma versão inversa da apresentada por Jakobson (1959)⁴¹⁷, citada na maioria dos trabalhos que se debruçam nos estudos sobre Audiodescrição (doravante AD).

Desde a sua origem e até hoje, a prática da AD, como tradução que se assenta na área de Tradução Audiovisual (AD), tem sido, predominantemente, dirigida à descrição fílmica, ou de espetáculos ao vivo (Aderaldo, 2014).

Díaz-Cintas (2007)⁴¹⁸ propõe a divisão da AD em três categorias que requerem diferentes competências. Entre elas, estão as imagens estáticas:

b) AD grabada para audioguías: de obras estáticas como monumentos, museos, galerías de arte, iglesias, palacios, exposiciones, entornos naturales y espacios temáticos en las que no hay imágenes en movimiento y en las que la experiencia táctil, o nuevas tecnologías que

413 Gambier, Y. (2004). La traduction audiovisuelle : un genre en expansion. *Meta*, 49 (1), 1–11.

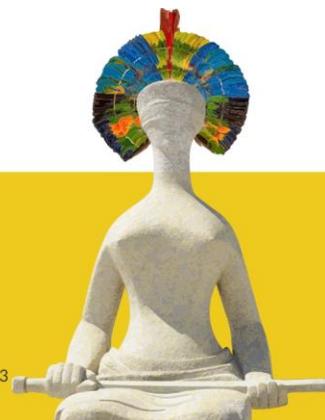
414 Braun, Sabine. Audiodescription research: state of the art and beyond. *Translation Studies in the Third Millennium*, 6. pp. 14-30.

415 Aderaldo, Marisa Ferreira. Proposta de parâmetros descritivos para audiodescrição à luz da interface revisitada entre Tradução Audiovisual Acessível e Semiótica Social – Multimodalidade. Tese. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

416 Maszerowska, Anna, Matamala and Pilar Orero (eds) (2014) *Audio Description. New perspectives illustrated*. Amsterdam. John Benjamins.

417 Jakobson, Roman, "On Linguistic Aspects of Translation", in Reuben A. Brower (ed.), *On Translation* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1959)

418 Díaz-Cintas, Jorge. Por una preparación de calidad en accesibilidad audiovisual. *TRANS Revista de Traductología*, núm.11, 2007. DOSSIER. pp. 45-59



simulen este tipo de experiencia, tiene una gran importancia. (Díaz-Cintas, 2007: 50)

A tese de Aderaldo (2014) se constituiu a partir da percepção da existência de uma lacuna nos Estudos da Tradução, com enfoque na Audiodescrição desta categoria apresentada por Díaz-Cintas. A causa deve ser, justamente, pelo fato de que audiodescrições de imagens bi e tridimensionais tenham menor ocorrência em eventos de acessibilidade porque os espaços ainda não estão preparados para receber visitantes com deficiência visual. É também possível imaginar que haja poucos audiodescritores roteiristas preparados para este tipo de descrição, que exige diferentes conhecimentos (históricos, artísticos, museísticos, técnicos, contextuais, etc.).

A partir dessas categorias, o autor destaca a importância do conhecimento ou da competência do audiodescritor na produção do roteiro ou guia audiodescrito, a saber: competências linguísticas, temáticas ou de conteúdo, tecnológicas e aplicadas e pessoais e gerais.

Pode-se afirmar, então, que a prática da audiodescrição requer, além de conhecimento de mundo, competências que envolvem diferentes áreas de conhecimento. Dessas áreas, deve-se chamar à atenção o conhecimento dos usuários da AD, para quem os objetivos devem estar sempre dirigidos e que devem atuar como importantes colaboradores na revisão do produto final, o roteiro audiodescrito: “Sólo un conocimiento exhaustivo de su audiencia le ayudará a saber qué estrategias adoptar y a evitar ser condescendiente con el espectador por exceso (con el suministro de información innecesaria) o por defecto (con la falta de información necesaria)”. Díaz-Cintas (2007:50)

Pode-se entender, com essa afirmação, que uma pessoa que enxerga não terá a competência necessária de uma pessoa cega diante das informações relevantes para a produção do roteiro descritivo. Nem mesmo uma pessoa com baixa visão o teria, já que esse tipo de deficiência visual é variável e o resultado da consultoria de uma pessoa com baixa visão não funcionaria para o usuário cego, mas o contrário atingiria o objetivo com eficiência.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

As polonesas Agnieszka Chmiel e Iwona Mazur (2014:60)⁴¹⁹ também destacaram os conhecimentos técnicos como requisitos para a prática profissional da audiodescrição e acrescentaram, ainda, habilidades técnicas no uso de instrumentos de pesquisa (internet, dicionários, etc.) e domínios cognitivos como percepção e concentração.

Retornando à questão das imagens estáticas bi ou tridimensionais, este trabalho tem o objetivo de destacar a atuação do recurso da audiodescrição ao vivo em passeios turísticos culturais na cidade de Pelotas para pessoas com deficiência visual na perspectiva de mediações *acessibilizadas* – termo proposto por Couto (2018)⁴²⁰. As imagens traduzidas em palavras, nas atividades turísticas, são constituídas por elementos arquitetônicos, paisagísticos, museísticos e demais espaços públicos do entorno do município, e coincidem com as imagens que elenca Díaz-Cintas (2007), em citação anterior.

A experiência de utilização do recurso acessível através da tradução intersemiótica – da imagem à palavra – tem-se mostrado bem sucedida através do *Encontro Olho de Sogra*, um projeto que envolve turismo e patrimônio histórico e cultural para pessoas com deficiência. Neste evento, podemos destacar também, a experiência tátil associada à potencialização da construção de imagens mentais através da audiodescrição.

A supremacia do tato, através da pele e, em especial, do toque, é apresentada por Montagu (1988)⁴²¹, corroborada por Sennet (2008)⁴²², que os sobrepõem aos demais sentidos em importância, quando da produção de estímulos cerebrais.

A pele e todas as suas partes diferenciadas é o meio pelo qual o mundo externo é percebido. O rosto e a mão como “órgãos dos sentidos” não só transmitem ao cérebro informações sobre o meio ambiente, como também lhe passam determinadas informações relativas ao “sistema nervoso interior”. (Montagu, 1988: 23)

419 Chmiel, Agnieszka; Mazur, Iwona. Audiodeskrypcja. Poznań (Polônia): Wydział Anglistyki Uniwersytet im. Adama Mickiewicza w Poznaniu, 2014.

420 Couto, Doris. Narrativas sobre a experiência em uma exposição acessibilizada. Trabalho de Conclusão. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

421 Montagu, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.

422 Sennet, Richard. *El artesano*. Título original: *The craftsman* [2008] Tradução de Marco Aurelio Galmarini. Barcelona: Anagrama. 1ª Ed. 2009.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

O sociólogo Sennet (2008) que elaborou estudos sobre cultura material, sobre o artesanato e a habilidade de fazer bem as coisas e seu contexto, estabeleceu interessantes relações entre experiências táteis e suas influências na construção do pensamento e da construção imagética de determinadas características dos objetos. A ideia básica de Sennet apresenta o homem como artífice que produz instrumentos tecnológicos utilizando as mãos. Logicamente, os aportes do autor não foram dirigidos, nem versaram sobre as questões referentes à cegueira ou à perda de visão; também não enfatizaram nenhum tipo de intervenção em exposições artísticas com essa tendência. Entretanto, pode-se dizer que não há razões que impeçam que os estudos sobre acessibilidade possam “beber da fonte” de alguns argumentos baseados em seus estudos e que estes tenham potencial para orientar, de forma lógica e convergente, algumas ideias sobre a experiência tátil em atividades de acessibilidade.

Sennet (2008) utiliza o termo técnico *preensão* para ilustrar a relação entre as mãos e o cérebro, que, segundo o autor, modula o pensamento para fazer previsões sobre forma, dimensão e outros atributos dos objetos. A *preensão* é uma projeção articulada do cérebro:

La ciencia ha tratado de mostrar cómo estos movimientos, junto con las variadas modalidades de presión de las manos y el sentido del tacto, influyen en la manera de pensar. (Sennet, 2008:99)

El término técnico que se usa para hacer referencia a los movimientos en los que el cuerpo anticipa los datos de los sentidos y actúa adelantándose a ellos es «prehensión». La prehensión da una proyección particular tanto a la comprensión mental como a la acción física: uno no espera a tener toda la información a mano para pensar, sino que anticipa el significado. (Idem:102)

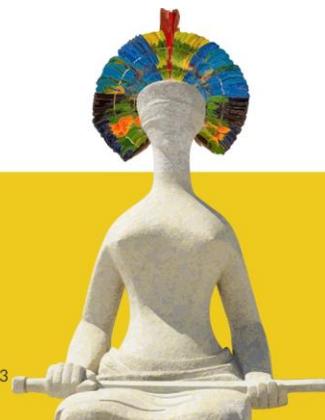
A relação entre a *preensão* do objeto e o reconhecimento mental, no caso do indivíduo cego, pode ser estabelecida através da experimentação anterior. Os conhecimentos prévios da memória tátil do indivíduo com deficiência visual são capazes de reconstruir mentalmente a imagem do objeto, por já ter tido a oportunidade de tocá-lo e conhecer sua forma, textura, peso e demais atributos. O autor atribui o desenvolvimento da capacidade cognitiva e a compreensão tridimensional do mundo à relação entre o cérebro e as mãos. Através da experiência tátil-visual o ser humano elabora a concepção do mundo material. É fato inquestionável a necessidade do ser humano de tocar os objetos e senti-los, mesmo não prescindindo do recurso visual.

Sennet (2008:100) cita que Bell (1833) imputava à visão uma capacidade “mais enganosa” de envio da realidade física para o cérebro do que a das mãos, que seria mais confiável. Talvez essa afirmação possa encontrar controvérsias, mas não se pode ignorar a necessidade que o ser humano tem de tocar os objetos, mesmo podendo dimensioná-lo e reconhecer seus atributos através da visão.

Após o que foi exposto, pode-se afirmar que na preparação de eventos acessíveis, é importante considerar, sempre, a possibilidade de oferecer elementos táteis e, na falta deles, uma AD que compense essa falta ou, como foi o caso da segunda versão do encontro, a utilização simultânea de ambos os recursos.

Os fundamentos da audiodescrição para este trabalho têm lugar na proposta de conceito dessa ferramenta como Lívia Motta, em prefácio, como “recurso de acessibilidade comunicacional, também considerada uma modalidade de tradução intersemiótica que transforma o visual em verbal” (Motta, 2016: 6)⁴²³.

423 Motta Vilela de Melo, Lívia Maria. Audiodescrição na escola: Abrindo caminhos para leitura de mundo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.



A proposta da experiência em turismo cultural do *Encontro Olho de Sogra* tem como prioridade pessoas com deficiência visual, mas pode e deve contemplar outras pessoas com ou sem deficiência. A especificidade se dá pela metodologia aplicada, que é a presença dos “acessibilizadores” no planejamento e na execução do projeto (o grupo formado por audiodescritores, consultor cego e locutor).

É importante informar que o projeto já foi posto em execução por duas vezes e apresenta sua terceira versão no presente ano (2019).

ENCONTRO OLHO DE SOGRA: CULTURA PARA TODOS A PARTIR DA MEDIAÇÃO ACESSIBILIZADA

O acesso do Encontro, então, se propõe universal e dispõe de recursos para que esse aspecto se concretize, os quais se caracterizam essencialmente pela exploração dos sentidos.

A denominação do evento, Olho de Sogra⁴²⁴, se relaciona com o fato de que a cidade de Pelotas é conhecida como a Capital Nacional do Doce, por sua tradição doceira, legado da colonização portuguesa no município. O fato de remeter-se, convenientemente, ao órgão da visão, também foi considerado, como maneira de atribuir um pouco de descontração ao contexto.

A maior parte do percurso, no centro histórico, é feito a pé, pois os pontos turísticos são avizinados e o transporte para lugares mais distantes é feito por um ônibus amarelo, antigo Chevrolet, da década de 60. O transporte leva também o nome de um doce tradicional da cidade: Expresso Quindim⁴²⁵.

424 Doce de coco envolto a uma ameixa seca que faz parte do Inventário Nacional de Referências Culturais do doce do IPHAN.

425 Quindim é um doce feito basicamente, pela tradição, com gemas de ovos e coco e é muito apreciado na cidade, cuja receita apresenta diferentes versões.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Durante todo o passeio os participantes contam com audiodescrição ao vivo e acesso a maquetes para reconhecimento tátil das estruturas arquitetônicas dos edifícios do Centro Histórico que lhes são apresentados através da audiodescrição, durante o passeio.

O grupo que desenvolveu o roteiro do passeio envolveu museólogo, turismólogos, acadêmicos das áreas de turismo e museologia que consideraram a importância histórica, cultural e turística dos elementos que formam patrimônio da cidade de Pelotas. A exposição acessibilizada foi realizada com visitas ao entorno do Centro Histórico (Mercado Público Municipal, Teatro Guarani, Grande Hotel, Casarões e Praça Coronel Pedro Osório), ao Museu Parque da Baronesa, a uma tradicional fábrica de doces e à Praia do Laranjal.

O Encontro, na sua segunda edição, se desenvolveu durante dois dias e os turistas cegos e com baixa visão da cidade e de outras localidades foram recebidos com hospitalidade pelos acessibilizadores. O objetivo do evento é o de promover um evento acessibilizado que proporcione não só uma experiência sensorial, mas que produza um sentimento incomum de pertinência e de interação entre o ambiente, os acessibilizadores e os demais turistas que integram o grupo. Além desses sentimentos, a atenção aos objetivos do grupo de adquirir conhecimento dos entornos da cidade e da história do patrimônio cultural pelotense complementa a finalidade do projeto de Encontro como um todo, na literalidade do conceito. Sobre esse aspecto da visita turística, Flores et al (2015)⁴²⁶ estabeleceram um modelo sustentável de gestão de turismo, cujo marco de referência descreve os potenciais efeitos psicológicos e cognitivos da experiência turística nos visitantes:

La experiencia de interacción con la otredad sirve como fundamento para la construcción y robustecimiento de una identidad colectiva, que al flexibilizarse frente a otras representaciones del mundo y volverse permeable a ellas históricamente

426 Flores, Francisco Madrid et al. (2015) Dimensionamiento del turismo cultural y propuesta de modelo sustentable para su gestión. Reporte final. Estudios del Instituto de competitividad turística. ECTUR, México.



encuentra maneras efectivas de diferenciarse e incrementa sus posibilidades de comprender el entorno que lo rodea. Cabe mencionar que la experimentación e intento de comprensión de la identidad del otro, es sin duda una de las motivaciones principales del desplazamiento turístico. (Flores et al, 2015:10)

O deslumbramento do conhecimento é um aspecto essencial da visita turística e esses efeitos foram perceptíveis durante a interação entre os visitantes e os acessibilitadores. Também se pode afirmar a repercussão resultante das atividades através de questionários posteriores à visita.

A equipe de mediadores e a de monitores receberam orientações sobre como auxiliar os visitantes com deficiência visual de forma adequada ao guiar o grupo nos deslocamentos, ao localizar os objetos durante as refeições, e ao realizar as atividades, nos momentos em que é necessária uma atenção especial.

A locução das audiodescrições, durante os passeios, foi realizada por uma acadêmica de museologia que descreveu, além dos elementos arquitetônicos e dos monumentos, também a paisagem urbana, movimentos e objetos não previstos nos entornos. Dessa forma, a audiodescrição cumpriu o objetivo desse recurso, que é o de proporcionar elementos para a construção imagética dos participantes.

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos nas duas primeiras edições do Encontro Olho de Sogra.

RESULTADOS

Os resultados foram ao encontro dos objetivos pretendidos, segundo foi demonstrado pelo nível de satisfação expresso pelos participantes ao final do circuito, na primeira e na segunda edição do Encontro Olho de Sogra. Além disso, a repercussão também se deu nas mídias sociais e na comunidade acadêmica.

Avaliar a relevância, a experiência e o impacto do “*Encontro Olho de Sogra*”, sobre seu público alvo, demandou, enquanto metodologia, antes de tudo, ouvir as pessoas que participaram do



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

evento, constituindo a avaliação a partir deste lugar de fala, deste discurso composto de autoridade forjada na vivência, sob pena de produzirmos falsas impressões acerca do assunto.

Partiu-se do pressuposto de que a pessoa com deficiência é quem tem a autoridade e o lugar de fala para posicionar-se sobre o que é eficaz ou não na tradução do mundo que ela não consegue ver a partir do olhar. No caso específico da deficiência visual, enquanto instrumento de coleta de dados que embasaram o presente estudo, enviou-se no grupo do Encontro Olho de Sogra, pelo aplicativo de mensagens (*Whatsapp*), uma pergunta aberta para ser respondida pelos 12 participantes da edição de 2018. A pergunta visava à avaliação, principalmente para sondar os passeios e atividades ofertados pela programação.

Apresentam-se, a seguir, as respostas recebidas dos cinco participantes, para à seguinte pergunta: “Qual foi a atividade que você mais gostou?” e “Por quê?”

De modo geral, as respostas foram positivas. Chamaram a atenção para a importância do roteiro e sua relevância na fruição da cidade e de seu patrimônio cultural enquanto um direito, sem distinção. Destacou-se também a importância dos recursos de vivências táteis e audiodescrição, como se verificou em algumas respostas.

Participante 1: “É a primeira vez que gosto de visitar um museu. Fui várias vezes com a escola, mas como não podia falar nem tocar em nada, depois de adulto eu nunca mais fui. Achei muito bom saber como são as salas, os móveis, as cores dos objetos e aquela atividade de adivinhar qual era o objeto e para que servia foi bem interessante e divertida.” M.S. 26 anos – Florianópolis/SC.

Participante 2: “Meu passeio favorito foi pelo centro histórico da cidade. Eu adoro esses prédios antigos, essas construções enormes. Quando descreveram aquele rosto



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

decorando a fachada, bem abaixo da sacada eu não resisti e tive que tocar.” T.B 24 anos – Joinville/SC.

Participante 3: “Eu fui para Pelotas com o pensamento na fábrica de doces, que para mim foi o mais legal dos lugares. Aquele cheiro de chocolate, e poder fazer doces e ainda comer, foi bom demais.” A.B 27 anos – Nova Petrópolis/Rs.

Participante 4: “Gostei de tudo, foi a primeira vez que eu participei de um evento assim, com descrição dos lugares. Deu para imaginar a cidade, muito bonita por sinal. Seria tão bom se todas as viagens fossem assim, a gente ficar sabendo como é tudo.” E. L. 30 anos – São Paulo/SP.

Participante 5: “A fábrica de doces foi o lugar que eu mais gostei. Ano passado quando eu participei pela primeira vez foi incrível e neste ano, quando eu vi que tinha visita em outra fábrica, decidi participar na hora esse ano novamente.” E. N 28 anos - Pelotas/RS.

As respostas vinculadas à acessibilização demonstraram a necessidade de tais mecanismos, ao mesmo tempo em que evidenciam a busca dos direitos ao conhecimento. A fruição cultural deve acompanhar os ajustes que demandam, em primeiro lugar, mudanças atitudinais de gestores para compreender as pessoas com deficiência, enquanto públicos destes segmentos, incluindo-as em seus programas e projetos.

CONCLUSÃO

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



A experiência turística para pessoas com deficiência visual oportunizada pelo Encontro Olho de Sogra tem sido uma forma de aproximação do grupo de pessoas com deficiência visual à cultura patrimonial e histórica do município de Pelotas. Por sua essência inclusiva, a oferta de acessibilidade através do Turismo Cultural constitui uma alternativa para preencher parte da lacuna assinalada por Aderaldo (2014) de elementos categorizados e descritos por Díaz-Cintas (2007).

A audiodescrição, como tradução intersemiótica, requer dos acessibilizadores (audiodescritores, consultores cegos e locutores), além dos conhecimentos especializados, um espírito de equipe empreendedor.

Parte dos visitantes que participaram do *Encontro* eram de diferentes regiões do Rio Grande do Sul e até de outros Estados do Brasil. Isso aponta para o prestígio que esse tipo de evento recebeu por parte do grupo que constituiu o público alvo e despertou entusiasmo nos que participaram da organização.

A experiência tátil, atuando simultaneamente com a audiodescrição (recurso híbrido - (Agnieszka Chmiel Iwona Mazur, 2014: 49)) parece ser uma combinação bastante eficiente na acessibilidade visual em turismo cultural. De acordo com os resultados obtidos, os objetivos do projeto foram atingidos de forma expressiva e a interação entre todos os participantes indicou que os motivos que levaram os visitantes a se deslocarem para o evento foram satisfeitos.

O *Encontro Olho de Sogra* pretende ser um evento contínuo e um exemplo de atividade inclusiva para instituições e empresas que estejam dispostas a investir na inclusão sociocultural, em todos os lugares possíveis.

Dar oportunidade de acesso à história e à cultura da cidade, promovendo a inclusão, a alteridade e a compreensão do entorno físico em que está inserido, conforme propõem Flores et al (2015) é potencializar o acesso igualitário ao conhecimento e à cidadania. Desta forma, pode-se



pensar numa sociedade com ambientes universalmente acessíveis, um mundo que todos podem desfrutar com igualdade de condições.

REFERÊNCIAS

- 1 GAMBIER, Y. (2004). La traduction audiovisuelle: un genre en expansion. *Meta*, 49 (1), pp. 1-11.
- 2 BRAUN, Sabine. Audiodescription research: state of the art and beyond. *Translation Studies in the Third Millennium*, 6, pp. 14-30.
- 3 ADERALDO, Marisa Ferreira. *Proposta de parâmetros descritivos para audiodescrição à luz da interface revisitada entre Tradução Audiovisual Acessível e Semiótica Social – Multimodalidade*. Tese. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
- 4 MASZEROWSKA, Anna; MATAMALA, Anna; ORERO, Pilar (eds). *Audio Description. New perspectives illustrated*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.
- 5 JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation, in Reuben A. Brower (ed.), *On Translation*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1959.
- 6 DÍAZ-CINTAS, Jorge. Por una preparación de calidad en accesibilidad audiovisual. *TRANS Revista de Traductología*, núm.11, 2007. DOSSIER. pp. 45-59
- 7 CHMIEL, Agnieszka; MAZUR, Iwona. *Audiodeskrypcja*. Poznań (Polônia): Wydział Anglistyki Uniwersytet im. Adama Mickiewicza w Poznaniu, 2014.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

8 COUTO, Doris. *Narrativas sobre a experiência em uma exposição acessibilizada*. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Museologia. UFRGS, Porto Alegre: 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177707>

9 MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: *Summus*, 1988.

10 SENNET, Richard. *El artesano*. Título original: *The craftsman* [2008] Tradução de Marco Aurelio Galmarini. 1ª Ed. Barcelona: Anagrama. 2009.

11 MOTTA VILELLA DE MELLO, Livia Maria. *Audiodescrição na escola: Abrindo caminhos para leitura de mundo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

12 FLORES, Francisco Madrid et al. (2015) *Dimensionamiento del turismo cultural y propuesta de modelo sustentable para su gestión*. Reporte final. Estudios del Instituto de competitividad turística. ECTUR, México.

Disponível em: <https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/197814/16.pdf>

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

